

## APRESENTAÇÃO

Neste número concluímos o quinto volume da Revista *Feminismos* e temos a satisfação de oferecer para nossas leitoras e leitores uma edição conjunta dos números 2 e 3, contendo seis artigos que abordam diferentes temáticas, bem como um dossiê organizado por Inés Pérez e Soraia Carolina de Mello, intitulado ‘Trabalho doméstico e de cuidados: abordagens interseccionais a partir do Cone Sul’, composto por cinco artigos de pesquisadoras/es que contribuem para a produção do conhecimento sobre a interface entre gênero, trabalho doméstico e cuidados. A edição traz também uma resenha do livro de Yuderkys Espinosa Miñoso et al, intitulado *Tejiendo de otro modo. Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales em Abya Yala* por Vera Fátima Gasparetto e Luzinete Simões Minella e a seção Ponto de Vista, em que a advogada Maria Berenice Dias reflete sobre a ética que rege o campo dos afetos.

No artigo de abertura, *O feminismo radical ou a utopia da igualdade de gênero no Antigo Egito?*, Gregory da Silva Balthazar, a partir de uma revisão historiográfica, investiga os desdobramentos do discurso feminista no desenvolvimento da escrita egiptológica, conferindo especial atenção aos usos políticos do papel desempenhado pelas mulheres egípcias na antiguidade para legitimar as reivindicações de emancipação social do feminismo radical. O autor argumenta que com o trabalho desenvolvido pelas egiptólogas, “passamos de uma história ‘no’ masculino para uma história ‘no’ feminino”, em que pesquisadoras/es buscam respostas possíveis ao silenciamento, a subordinação e a opressão imputados às mulheres, que lhes negou a condição de sujeitos sociais e do conhecimento, descortinando outras possibilidades de se pensar o feminino e suas relações com o passado.

Trazemos, a seguir, o artigo de Andrea Moraes Alves, intitulado *Helio Aguinaga, a Imprensa e a Regulação da Fecundidade no Brasil (1970-1980)*, em que a autora rastreia no *Jornal do Brasil* e *O Globo*, dos anos 1970 e 1980, abordagens sobre o tema da regulação da fecundidade, principalmente da esterilização feminina, em que figura como um dos protagonistas no espaço das colunas de opinião e das notícias o Dr. Helio

Aguinaga, médico ginecologista, defensor da contracepção cirúrgica, cujo argumento de que o controle sob os corpos das mulheres estaria “fazendo mais bem do que mal”, uma vez que inibiria o ritmo do crescimento populacional brasileiro e, desse modo, contribuiria para assegurar o desenvolvimento social e econômico do país. Após 40 anos, a convicção de que o controle sobre a pobreza está fortemente associado ao controle da fecundidade permanece recorrente no senso comum e ressurge em determinados contextos políticos, sendo reproduzida na mídia impressa.

Na sequência, o artigo *Necessidades práticas das mulheres x interesses estratégicos feministas (de gênero): Revisitando a polêmica*, das autoras Silvia Cristina Yannoulas e Ismalia Afonso da Silva, buscam enfatizar a relevância teórico-política da utilização das categorias Necessidades Práticas das Mulheres e Interesses Estratégicos Feministas (de gênero) como proposta feminista, a partir de uma genealogia dessas categorias e revisão bibliográfica das produções mais recentes, que fundamentam uma reflexão crítica em torno de suas manifestações na trajetória escolar e laboral de jovens mulheres “nem-nem” oriundas da periferia do Distrito Federal, cujo trabalho de campo compara a importância dessas categorias para a elaboração, gestão e a avaliação de políticas sociais no atual contexto capitalista.

O artigo seguinte, de Ana Claudia Delfini Capistrano de Oliveira, esquadriha as *Agendas de gênero nas políticas públicas no Brasil (1980-2016)*. Para tanto, resgata as pautas dos movimentos feministas e de mulheres desde a Segunda Onda do Feminismo, responsáveis pela adoção da perspectiva de gênero na esfera das políticas públicas no Brasil, que servem de contraponto para uma análise sobre perdas significativas no tocante aos direitos feministas e na esfera das políticas públicas de gênero, especialmente pelo cerceamento às discussões de gênero nos espaços escolares e supressão da transversalidade de gênero nas políticas públicas implementadas pelo atual governo. A autora ilustra o “desmonte institucional das políticas públicas feministas e transversais de gênero nos órgãos públicos” e ressalta a importância de os movimentos

sociais feministas e de mulheres lutarem pela recuperação da agenda de gênero nas políticas públicas, de modo a superar os obstáculos à democracia.

No último artigo desta seção, a autora Tânia Maria Gomes da Silva e suas colaboradoras, Carine Gomes Bomfim; Débora Almeida do Nascimento e Marielli Rico Rossi, intitulado *Representações e vivências da maternidade numa perspectiva geracional*, propõem-se a investigar se as mudanças geracionais influenciam as representações construídas por mulheres oriundas das classes populares sobre a maternidade e a maternagem, a partir da análise das narrativas de três mulheres, de diferentes faixas etárias: juventude, terceira idade e velhice. A pesquisa revela que a maternidade é essencializada pelas mulheres em todas as fases da vida, mas, no tocante à maternagem, enquanto as mães que se encontram em pleno processo de gerar-maternar apresentam um discurso menos idealizado e consideram o cuidado com os filhos uma das tarefas mais árduas na vida da mulher, um “fardo”, as idosas engendram um “apagamento” das dificuldades enfrentadas e consideram a maternagem uma “tarefa fácil”.

A seção “Dossiê”, organizada neste número por Inés Pérez e Soraia Carolina de Mello, reúne cinco artigos em que autoras/es buscam suscitar reflexões em torno do trabalho doméstico e de cuidados, tanto remunerados quanto não remunerados, que têm sido retomados como pautas de discussão no âmbito acadêmico, em virtude da internacionalização da teoria do *care* e, reemergido como temática dos estudos feministas na última década, a partir de diferentes perspectivas teórico-políticas. Os artigos que compõem o Dossiê, ao mesmo tempo em que fazem releituras desses antigos problemas, questionam sua continuidade sob diferentes prismas, convergindo com a pluralidade de discursos feministas da contemporaneidade, que coadunam a produção intelectual com a militância e arquitetam novas estratégias de enfrentamento às desigualdades instituídas pelo gênero.

Nesta edição, na seção Resenha, Vera Fátima Gasparetto e Luzinete Simões Minella, em *Rompendo fronteiras entre academia e ativismo: epistemologias feministas decoloniais em Abya Yala*, apresentam uma

síntese da obra organizada por Yuderkys Espinosa, que reúne textos de ativistas e acadêmicas, a exemplo de Maria Lugones, Julieta Paredes e Arturo Escobar, que buscam refletir sobre a construção de uma epistemologia feminista decolonial na América Latina, isto é, a formulação de um pensamento contra-hegemônico e de uma genealogia que corresponda aos compromissos, questionamentos e produções epistêmicas próprias na América Latina.

Neste número, inauguramos a seção Ponto de Vista, em que Maria Berenice Dias, Advogada e Vice-Presidente do Instituto Brasileiro de Direito de Família, em *Afeto e a ótica da ética*, expressa sua opinião sobre a ética que norteia o campo dos afetos no cenário contemporâneo.

Esperamos que os textos compartilhados nesta edição possam instigar releituras críticas entre as/os leitoras/es e impulsionar a interlocução interdisciplinar que caracteriza a linha editorial da Revista, voltada para os estudos feministas e de gênero. Por fim, reforçamos o convite para navegarem em nossa página, conhecerem a mais recente edição da *Feminismos* e dialogarem conosco, enviando seus artigos, resenhas, pontos de vista, propostas de dossiês e produções artísticas para divulgação nas próximas edições.

Saudações feministas,

*Márcia Santana Tavares, Ângela Maria Freire de Lima e Souza, Cecília Maria Bacellar Sardenberg, Josimara Aparecida Delgado Baour, Máira Kubík Mano, Clarice Costa Pinheiro, Maise Zucco.*